



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Geografia, Políticas e Democracia 3

Atena
Editora

Ano 2019



Gustavo Henrique Cepolini Ferreira
(Organizador)

Geografia, Políticas e Democracia 3

Atena
Editora

Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
G345	Geografia, políticas e democracia 3 [recurso eletrônico] / Organizador Gustavo Henrique Cepolini Ferreira. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Geografia, Políticas e Democracia; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-720-8 DOI 10.22533/at.ed.208191710 1. Geografia física. 2. Geografia – Estudo e ensino. I. Ferreira, Gustavo Henrique Cepolini. II. Série. CDD 910.02
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

É com imensa satisfação que apresento a Coletânea intitulada – “Geografia: Políticas e Democracia – volume 3”, cujo título apresenta inúmeras possibilidades, e, sobretudo, provocações ao construirmos e desconstruirmos uma Geografia para o século XXI. Trata-se de uma leitura teórica e empírica oriunda de diferentes pesquisadores que dialogam com análises provenientes das diferentes subáreas da ciência geográfica e áreas afins.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da pesquisa científica e os desafios hodiernos para o fomento na área de Geografia em consonância com a formação inicial e continuada de professores da Educação Básica.

A Coletânea está organizada a partir de diferentes enfoques temáticos, ou seja, reconhecendo as diferentes subáreas da Geografia, a saber: Ensino da Geografia, Geografia Urbana, História do Pensamento Geográfico e sua interface Econômica e Política, Geografia Econômica, Geografia Agrária e Regional conforme expresso nos nove capítulos que compõem a referida Coletânea.

Esperamos que as análises publicadas nessa Coletânea da Atena Editora propiciem uma leitura crítica e prazerosa, assim como despertem novos e frutíferos debates geográficos para desvendar os caminhos e descaminhos da realidade brasileira, latino-americano e mundial na emergência de práticas democráticas.

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
O CURRÍCULO E A PRÁTICA PEDAGÓGICA NAS ESCOLAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO	
Ana Carolina de Figueiredo Azevedo Ana Claudia Ramos Sacramento	
DOI 10.22533/at.ed.2081917101	
CAPÍTULO 2	13
MINHA CASA... E A VIDA? OS SERVIÇOS E EQUIPAMENTOS PÚBLICOS NOS CONJUNTOS HABITACIONAIS DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA NA CIDADE DE JOÃO PESSOA-PB	
Rayssa Bernardino de Lacerda Maria de Lourdes Soares	
DOI 10.22533/at.ed.2081917102	
CAPÍTULO 3	25
INADAPTAÇÕES NA FRONTEIRA DA INFORMALIDADE: FAVELAS E CONJUNTOS	
Tales Lobosco	
DOI 10.22533/at.ed.2081917103	
CAPÍTULO 4	38
MICROALGAS: UMA OPORTUNIDADE PARA MELHORAR OS INDICADORES DE SANEAMENTO NO BRASIL	
Renan Barroso Soares Rodrigo Nunes Oss Márcio Ferreira Martins Ricardo Franci Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.2081917104	
CAPÍTULO 5	49
A GEOGRAFIA REGIONAL EM RICHARD HARTSHORNE	
Wesley de Souza Arcassa	
DOI 10.22533/at.ed.2081917105	
CAPÍTULO 6	60
ADVENTURE-TIME: O CRONOTOPO NO ESPÍRITO DO NEOLIBERALISMO DE HAYEK, KEYNES E MISES	
Marcus Antonio de Lyra Alves	
DOI 10.22533/at.ed.2081917106	
CAPÍTULO 7	77
A TERRITORIALIZAÇÃO DOS BANCOS EM PORTUGAL: UMA ANÁLISE PRELIMINAR	
Diego Paschoal de Senna Sandra Lúcia Videira	
DOI 10.22533/at.ed.2081917107	

CAPÍTULO 8	88
A FEIRA DE NOVA CRUZ/RN: UMA TRADIÇÃO COMERCIAL DE EXPRESSÃO REGIONAL	
Severino Alves Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.2081917108	
CAPÍTULO 9	99
A PRODUÇÃO ARTESANAL DA RAPADURA: UMA ANÁLISE GEOGRÁFICA BASEADA NA COMUNIDADE RURAL JOÃO MOREIRA, SÃO JOÃO DA PONTE - MG	
Gustavo Henrique Cepolini Ferreira	
Tayne Pereira da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.2081917109	
SOBRE O ORGANIZADOR	113
ÍNDICE REMISSIVO	114

A FEIRA DE NOVA CRUZ/RN: UMA TRADIÇÃO COMERCIAL DE EXPRESSÃO REGIONAL

Severino Alves Coutinho

STREET MARKET OF NOVA CRUZ/RN: A COMMERCIAL TRADITION OF REGIONAL EXPRESSION

RESUMO: Dentre as diversas formas de comércio pretende-se neste artigo enfatizar a feira livre do município de Nova Cruz/RN, tendo em vista ser uma referência em âmbito local e regional, fato que contribui tanto para transformar o espaço onde se desenvolve como para acentuar a tipologia de produtos postos à população; constituindo-se ainda como espaço de integração social e de manifestações culturais. Elementos que deixam marcas que se refletem no cotidiano da cidade, desde a sua origem até os dias atuais, apesar das mudanças impostas pelo mercado que imprime novos valores e novos hábitos de consumo, expresso pelo surgimento de modernos equipamentos comerciais frente a antigos e tradicionais eventos que se realizam semanalmente, como é exemplo a feira, cuja função é proporcionar num mesmo dia e num mesmo local a possibilidade de oferecer diversos negócios, visando o abastecimento numa escala intermunicipal. Um fenômeno, portanto, importante e que dinamiza até hoje a cidade.

PALAVRAS-CHAVE: Feira. Tradição. Nova Cruz.

ABSTRACT: Among the various forms of trade we intend to emphasize the street market in Nova Cruz town in the region of Rio Grande do Norte in order to be a reference in local and regional level, a fact that contributes so much to transform the space where develops as to accentuate products in several categories made available to the public; becoming even as space of social integration and cultural events. Elements that leave marks that are reflected in the town's daily life, from its beginning to the present day, despite the changes imposed by the market that gives new values and new consumer habits, expressed by the sudden appearance of commercial modern equipment before old and traditional events that perform weekly, for example, the street market, whose function is to provide in one day and in one place the possibility of offering various businesses, seeking the provisioning an even larger scale, inter-municipal. A phenomenon, therefore, important and that streamlines the town up to the present.

KEYWORDS: Street market. Tradition. Nova Cruz.

INTRODUÇÃO

A feira é uma prática comercial desenvolvida em quase todo território nacional e mais destacadamente na região nordeste, onde a maioria dos municípios mantém esse tipo de atividade comercial, cuja dinâmica gera maior concentração de pessoas oriundas do local de origem e de sua área de influência, o que promove maior expansão e circulação de mercadorias. Nela se materializa, também, manifestações paralelas como o encontro, atividades populares e onde se criam meios de sobrevivência que outros espaços comerciais não os possibilitaria. Assim,

Além de um ambiente de troca e venda de mercadorias, a feira também é um local de encontro e de articulação da vida social, política e econômica nessas localidades. Nela prevalecem as relações de *pechincha* e de amizade entre comerciantes e consumidores, sendo, portanto, *locus* da sociabilidade e da 'pessoalidade' que marcam o terciário das cidades pequenas (ASSIS; ARAÚJO, 2009).

No Rio Grande do Norte, as feiras ainda continuam sendo realizadas nas cidades por ser um tipo de atividade comercial fornecedora de uma infinidade de produtos de primeira necessidade para a população, principalmente as do interior do Estado, onde parte dos gêneros oferecidos provêm da produção regional e que abastecem moradores urbanos e rurais, constituindo-se importante fonte econômica, em particular para o município que mantém essa modalidade de mercado periódico.

Em Nova Cruz-RN, essa modalidade funciona há muitos anos, apesar de não haver uma data específica quanto a sua origem, visto não terem sido encontrados documentos oficiais, mas apenas relatos de antigos moradores que acompanharam e ainda presenciam a dinâmica desse fenômeno, inicialmente apenas uma vez por semana e, com o passar dos tempos, bem mais recente, o surgimento de outra feira em outro dia, porém de menor intensidade.

Assim, a feira se constitui numa forma de comércio tradicional que pode ser vista como um marco de resistência, ao permanecer como importante espaço de consumo, frente ao desenvolvimento e surgimento de formas de comércio consideradas modernas e que apresentam características distintas desse tipo de mercado periódico, onde se realizam diversas atividades econômicas, sociais e culturais. Entretanto, vale notar que,

A expansão dos mercados de médio e grande porte (mercadinhos, supermercados) dinamizou o comércio citadino local, criando um novo tipo de consumo vinculado aos padrões da modernidade contemporânea. Opondo-se a essas modernas formas espaciais do comércio, as tradicionais feiras [...] da cidade resistiram significativamente à expansão daqueles mercados, os quais cresceram também dentro dos próprios espaços do comércio popular (DINIZ; CASTILHO, 2009, p. 46).

Apesar de todas as transformações ocorridas na composição comercial da cidade, a feira não deixou de acompanhar essa contemporaneidade, ou seja, concorre com as atividades consideradas modernas, como as lojas e os supermercados, por

exemplo, os quais, tem se tornado cada vez mais relevante na dinâmica terciária da cidade.

Essa tendência, contudo, não elimina o comércio tradicional popular, pois grande parcela da população, principalmente as de menor poder aquisitivo não se insere nesse sistema que requer constantes e variadas formas de consumo, ficando neste caso a considerar as velhas opções comerciais encontradas na feira livre municipal. Uma alternativa que nas cidades pequenas passa a fazer parte de todas as camadas sociais, por se caracterizar como um espaço composto por mercadorias, pessoas e relações sociais, cujo alcance não se restringe apenas a esfera local, mas abrange também o contexto regional.

A FEIRA NUMA DIMENSÃO REGIONAL

Nova Cruz está situada ao sul do estado do Rio Grande do Norte, na microrregião Agreste Potiguar, juntamente com outras 21 cidades, onde é a mais importante por abrigar maior contingente populacional: 24.380 habitantes (IBGE, 2010), e um setor terciário mais dinâmico, atendendo inclusive, centros urbanos menores que estão em seu entorno. Desse modo, “quanto menor a aglomeração, menor a diversidade de sua ecologia social; quanto mais populosa e mais vasta, mais diferenciadas a atividade e a estrutura de classes, e mais o quadro urbano é compósito, deixando ver melhor suas diferenciações” (SANTOS, 2008, p. 105).

No que se refere aos aspectos econômicos o município desenvolve atividades ligadas ao trabalho na agricultura, na pecuária e no comércio. Este último, inclusive, tem importância considerável não apenas para seus municípios, como para outras áreas localizadas, tanto no Rio Grande do Norte como no vizinho estado da Paraíba. Essa realidade tem proporcionado maior crescimento e influência em virtude das atividades comerciais desenvolvidas nesta cidade. Assim,

Sem grande contestação, podemos afirmar que no comércio reside um verdadeiro embrião da vida urbana, naquilo que esta pressupõe de interação, de troca no sentido lato, ou produção/reprodução da inovação. As relações entre a cidade e o comércio são dinâmicas e fundadoras, em ambos os sentidos. Se a cidade é produto das decisões e práticas da ação de vários atores, designadamente as de consumo, essas práticas possuem também uma dimensão espacial. O espaço e, portanto, a cidade, serve de contexto e suporte às ações desenvolvidas pelos atores e é, simultaneamente, mediador das relações e um poderoso agente de diferenciação (NASCIMENTO, 2007, p. 150).

Daí, as relações e hegemonia de um centro principal no conjunto regional. Contexto em que se insere Nova Cruz, com uma tipologia comercial mais abrangente, dentre as quais, a feira, que apresenta uma particularidade, uma vez que funciona em dois dias da semana e atrai moradores de outros municípios da região.

O que leva a afirmar ser a feira de Nova Cruz um comércio popular que mantém influência sobre o espaço no qual está inserido. Essa influência decorrente

da comercialização de seus produtos passou a ser uma constante na dinâmica econômica da cidade, sendo que é nos dias de feira, que outras formas de comércio funcionam mais intensamente, revelando ser esse tipo de mercado periódico uma tradição local que também impulsiona o consumo de produtos nos estabelecimentos comerciais fixos.

Dessa forma, o espaço urbano de Nova Cruz exerce a função de centro comercial, o que tem contribuído para o fortalecimento da cidade e das atividades econômicas do setor terciário local, em particular a feira, que ao atrair pessoas para desenvolver atividades de venda ou simplesmente para consumir, gera uma centralidade que se materializa periodicamente.

Assim, diante da instalação de novas modalidades de comércio e consumo inerentes às necessidades econômicas atuais, a feira livre, resiste a essas estruturas organizadas, sinalizando que essas transformações ainda não são capazes de mudar completamente as características e a dinâmica sócioespacial desse fenômeno comercial historicamente produzido pela sociedade. Vê figura 01 da feira de Nova Cruz nos anos 40.



Figura 01 – Feira livre municipal na Rua Dr. Pedro Velho, centro, Nova Cruz-RN – nos anos 40

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Nova Cruz-RN.

A feira não só constitui um fenômeno antigo, onde se desenvolve uma produção e circulação de mercadorias em estilo tradicional, como promove no espaço a maior concentração comercial de rua, ao atrair grande parcela da população que nela busca realizar compras de produtos que não são encontrados nos estabelecimentos fixos, tendo em vista, a variedade e atração que exerce em função de ser um ambiente popular e símbolo cultural da cidade. Ao contrário de outras formas comerciais

modernas de caráter mais recente, as feiras

[...] existem desde a Antiguidade. [...]. Essa tradição cultural se expandiu por todo o Brasil. A persistência e a resistência das feiras livres nas cidades não estão associadas apenas aos fatores socioeconômicos demonstrados, mas também, associa-se a essa tradição, a esse costume popular, portanto a cultura (AZEVEDO; QUEIROZ, 2013).

A expansão das novas formas de comércio e consumo ocorre conforme a lógica comercial capitalista. Contudo, o espaço comercial da cidade de Nova Cruz, atualmente composto por diversos tipos de comércio (armazéns, redes de supermercados, redes de lojas, etc.) não tirou o hábito da população de frequentar o comércio popular de rua representado pela feira, que não só complementa outras formas de comércio como aos poucos se moderniza, expondo produtos industrializados nas bancas fixas ou mesmo no chão, antes encontrados nos estabelecimentos comerciais, o que significa coexistência entre o atual e o antigo num espaço cada vez mais especulativo.

Trata-se de um conjunto de atividades comerciais localizadas em torno da feira, representadas por um grande número de casas comerciais como mercadinhos, óticas, padarias, entre outros tipos de comércio existentes, os quais cresceram a partir dos frequentadores do comércio popular.

Em uma pesquisa realizada com cem (100) consumidores constatou-se essa realidade. A pesquisa aponta para dados relativos a importância de um tipo de atividade comercial popular que pela sua tradicionalidade adquire uma característica específica no contexto regional, tendo em vista sua centralidade, ao aglomerar consumidores de várias cidades circunvizinhas e da região.

Assim, quanto à origem dos consumidores, a pesquisa revelou que circulam pessoas de diferentes municípios que frequentemente utilizam a feira como espaço comercial para realizar suas compras semanais. Embora tais consumidores não tenham como único ponto de referência a feira, esta continua sendo uma forma de comércio de alcance popular e, por isso, permanece como centro tradicional de consumo que atrai moradores da região, conforme exposto no gráfico 01 sobre a procedência dos frequentadores da feira de Nova Cruz-RN.

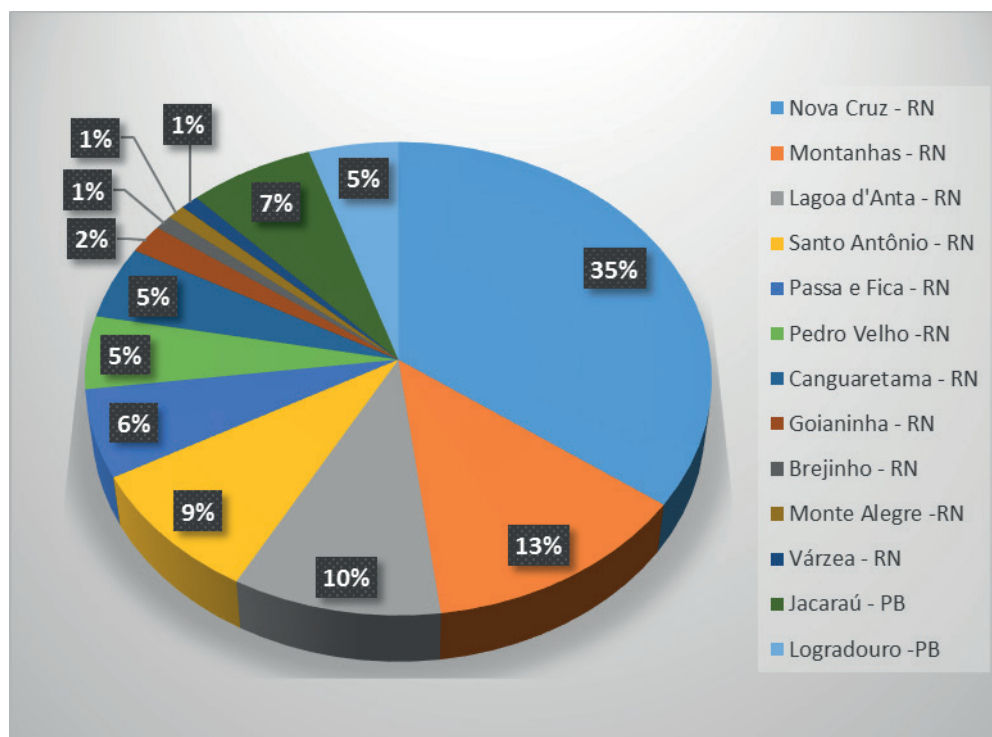


Gráfico 01 – Local de residência dos consumidores da feira de Nova Cruz-RN.

Fonte: Pesquisa de campo, 2016.

Entre os municípios do Rio Grande do Norte de maior procura pela feira, segundo a pesquisa, estão Montanhas, Lagoa d'Anta, Santo Antônio, Passa e Fica, Pedro Velho e Canguaretama, somando, respectivamente, 13%, 10%, 9%, 7%, 5%, 5% de consumidores residentes em tais localidades. Além destes, outros 12% são formados por consumidores provenientes de municípios da Paraíba, como Jacaraú com 7% e Logradouro com 5%, que também tem a feira como forma de consumo.

Na realidade, é preciso levar em consideração que o comércio em suas diferentes formas, tem sido fundamental para o desenvolvimento da economia de qualquer cidade, além disso têm aumentado e diversificado sua produção de forma progressiva, objetivando atender as especificidades socioculturais de cada sociedade. Ademais, outras atividades terciárias também demandam por um comércio forte, em razão de novas exigências que, por sua vez, estão ligadas ao grande dinamismo econômico contemporâneo. Nesse processo está ligado à presença dos bancos que funcionam em consonância com as atividades comerciais, levando a população não só a frequentar o espaço da feira, como também buscar serviços na cidade, o que pode gerar maior crescimento do setor terciário e, desta maneira, solidificar ainda mais a sua posição no quadro regional.

O aspecto que mais chama atenção nessas mudanças são o surgimento de novas atividades que se materializam e desenvolvem-se na cidade. Nesse sentido, “O estudo das formas do comércio [...] nos permite compreender e explicitar uma nova articulação espaço – tempo e tal articulação implica uma organização social distinta” (PINTAUDI, 2005, p. 158), gerando no espaço urbano uma configuração

paisagística constituída por formas comerciais diversas.

Nesse viés de análise, contudo, constata-se características tradicionais entre tantas formas de comércio existentes, expressando ser a feira uma tradição sociocultural que ainda possui papel importante num mundo cada vez mais moderno. Por isso, mantém identidade com a população do lugar. Assim, a “afirmação de qualquer identidade dependente de lugar tem de apoiar-se em algum ponto no poder motivacional da tradição” (HARVEY, 1993, p. 273).

Vale reiterar que, apesar das mudanças no âmbito comercial, tanto nas formas, quanto no consumo, a feira livre municipal permanece como importante atividade terciária, que contribui para a dinâmica e desenvolvimento urbano da cidade de Nova Cruz, ao impulsionar o crescimento econômico e ampliar as relações com demais centros urbanos dependentes e de menor visibilidade comercial.

A FEIRA E AS NOVAS FORMAS DE COMÉRCIO

Ao se analisar a cidade como uma realidade concreta expressa pelo processo de (re) produção social, constata-se ser o comércio em suas diferentes formas, tradicionais ou modernas, um elemento fundamental na transformação do espaço, uma vez que, ao transformar as formas de produção desencadeiam outras formas de comercialização e, nesse processo, gera uma reestruturação e adaptação do setor produtivo no espaço urbano.

Assim, a importância do setor comercial para o dinamismo dos espaços urbanos não constitui um fato recente e, nesse sentido, evidencia que muitas cidades sempre tiveram nesta atividade o fator mais preponderante da sua formação histórica e do seu dinamismo econômico e sociocultural.

Em tempos passados, o processo de produção e comercialização eram tipicamente tradicionais, com o pequeno produtor deslocando-se para zona urbana, vindo a figurar também como feirante, que numa relação direta com a população vendia suas mercadorias. Entretanto, com o aprofundamento e as estratégias de mercado, planejado para ampliar os negócios através de formas modernas de produção, o comércio não só torna-se mais dinâmico como desenvolve novas formas de comercialização e circulação de mercadorias para atender uma clientela mais exigente e com menos tempo. Neste caso, temos o supermercado que influenciou nos hábitos de consumo e na organização espacial da cidade. Além disso,

Significou concentração financeira e territorial, porque passou a concentrar sob a propriedade de um único empresário ou grupo, e em um único local, a comercialização de produtos anteriormente dispersos no espaço, que se constituíam em comércios especializados de pequenos capitais, tais como a padaria, o açougue, a peixaria, o bazar, a quitanda (frutas, verduras, legumes) e a mercearia (PINTAUDI, 2005, p. 151).

Já no que tange ao comércio tradicional, os consumidores ainda cultua traços

característicos do período passado até os dias atuais. Neste caso, o mercado periódico (a feira) como exemplo mais emblemático dessa realidade. Sendo esta de costume bastante antigo e que atrai pessoas residentes em locais distantes para um ponto central de consumo. Nesse sentido,

As feiras brasileiras, denominadas popularmente de feiras livres, se constituem em um ponto ou nó de encontro de fluxos de pessoas, mercadorias, informações, capitais, com diferentes dimensões socioespaciais, realizadas ao ar livre, em ruas, praças ou terrenos baldios, com produtos expostos em barracas ou no chão, intercaladas geralmente no intervalo de uma semana, ou num interstício menor, que podem ter uma área de influência local ou regional (AZEVEDO; QUEIROZ, 2013).

A feira é portanto, lugar de compra e venda de diversos produtos, destacando-se, desde bens industrializados até produtos naturais tradicionais. Por outro lado, também impulsiona outras atividades do setor terciário estabelecidas em forma de serviços ou nas casas comerciais, pois é, nos dias de feira livre que há uma maior movimentação nas ruas, como também é nesses dias que o setor de supermercados, lojas e restaurantes apresentam maior número de pessoas ocupadas nesses serviços.

Nesse contexto, se insere a feira livre de Nova Cruz, condição que fez desta cidade uma das mais visitadas da região, e isso se deve ao comércio fixo, aos serviços e a feira que pela sua dinâmica impulsionou outras formas de comércio que se multiplicaram, estimulados com a popularização alcançada por esse fenômeno. Constituindo-se,

[...] num evento econômico, social e cultural, que reúnem compradores e vendedores de varias mercadorias num determinado local, em intervalos de tempos regulares. Tais acontecimentos modificam a paisagem [...], uma vez que nos dias das feiras livres, as principais ruas [...] exprimem um mosaico de atividades, de situações, de cenas, de odores, de sons que se realizam, simultaneamente, num só espaço (GONÇALVES, 2005, p. 144).

A feira portanto, proporcionou maior efervescência comercial nos bairros onde se instalou, seja no centro, seja em outro bairro da cidade, dinamizando melhor as atividades, principalmente nos dias de funcionamento, especialmente na segunda feira, quando aumenta a circulação de pessoas em torno dela e de estabelecimentos que circundam a área, além de outros espalhados pela cidade.

Vale reforçar que tudo isto é fruto da articulação política, e neste sentido, esse processo serve como fator fundamental na estruturação do espaço e na inserção de setores de atividades que corrobora com o fluxo de pessoas na cidade. Fica claro que o crescimento do comércio interno decorre do impulso dado pelo aparecimento de novos produtos adequados às necessidades mercadológicas, significando mais influência em relação às cidades que integram a região.

Nessas condições, Nova Cruz precisa responder a essas exigências de mercado, conquistando novos segmentos, graças aos investimentos realizados. Para que essas inovações aconteçam, as mudanças vão além das questões comerciais.

Desta forma, os comerciantes necessitam readequar e operar suas atividades numa perspectiva de melhor atender demandas. Criando-se desse modo, um processo de interdependência entre a população e o ambiente onde o comércio se fixa. Hoje,

Nova Cruz é possuidora da maior feira livre da região – em extensão (no horário e no espaço que ocupa) e diversidade de produtos. Localizada no Alto de São Sebastião, a feira atrai pessoas (vendedores ambulantes, comerciantes, compradores etc) de toda a circunvizinhança, inclusive do Estado da Paraíba (AZEVEDO, 2005, p. 113).

Por isso, este evento tradicional continua desempenhando importante papel na vida comercial da cidade, apesar das vantagens oferecidas, expressas no marketing e de todo arranjo estético e incentivo para levar o consumidor às compras em estabelecimentos comerciais modernos. Os supermercados são exemplos disso por apresentarem facilidades de negócios, como nas formas de pagamentos que podem ser a crédito através dos famosos cartões, hoje diversificados. Por outro lado,

Os modernos equipamentos de venda à varejo, tais como os supermercados, não dão (ou não criam) a oportunidade do indivíduo, do simples consumidor, estabelecer laços de uma futura amizade com outras pessoas nos momentos que se abastece, durante suas compras, nem uma suposta fidelidade mútua com o vendedor, isto é, não há muito diálogo, proximidade pessoal, não se desfruta de modo diferente desse tipo de lugar, etc. Ou seja, são estruturas comerciais que se distanciam, que dificultam ou são inóspitas ao desenvolvimento de várias dimensões da vida social cotidiana [...] (FREIRE, 1999, p. 7).

Nesse processo, as formas antigas de comércio existem e continuam exercendo considerável importância, não por se modernizarem, mas por desenvolverem relações humanas de maior proximidade, mantendo, portanto, o elo de identidade com a cidade e produzindo uma materialidade capaz de concentrar consumidores que tenham suas necessidades comerciais atendidas.

Outra questão a ser acrescentada refere-se ao fato das feiras serem uma alternativa viável a sobrevivência. Daí, serem um foco de concentração de pessoas que não encontrando trabalho fixo nos setores formais da economia, vêem a possibilidade de se engajar mais facilmente no setor informal, como é exemplo o comércio de feira livre desenvolvido na rua Industrial José de Brito, conforme representado na figura 02.



Figura 02 – Feira livre municipal na Rua Industrial José de Brito – Bairro de São Sebastião, Nova Cruz, RN

Fonte: Severino Coutinho, 2016.

Contudo, a vinte e um anos atrás, esse fenômeno comercial urbano funcionava no centro da cidade, na rua Dr. Pedro Velho, uma das mais antigas e tradicionais por concentrar em toda via diversos pontos comerciais. A feira, sua maior referência é transferida para um espaço dotado de melhor infra-estrutura, à Rua Industrial José de Brito, que em pouco tempo se reestrutura com novos equipamentos do setor terciário, dando uma nova configuração na dinâmica do bairro.

Ambas as ruas marcaram a história da cidade a partir do funcionamento da feira e dos investimentos públicos e privados que se deram na área, valorizando o lugar e tornando-as conhecidas na região. Um exemplo de resistência e de forte tradição popular que permanece diante das novas formas de comércio.

Por isso, a feira constituiu-se num evento público de grande importância local, mas de dimensão regional. Símbolo de resistência e da sociabilidade, onde se materializa sua centralidade, através dos encontros, das relações econômicas e culturais.

Por esse quadro, é Nova Cruz, o espaço de maior concentração de atividades, exercendo influência através de variadas formas de comércio, em particular a feira livre municipal, que abastece a população com produtos tradicionais, desde o passado e que permanece com grande movimentação de feirantes e consumidores que frequentam quase diariamente o local, tornando-se uma prática comum e popular que ainda permite uma organização funcional simples entrelaçada a estruturas modernas do setor comercial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões expostas diagnosticam que as novas formas de comércio vem ganhando espaço na economia do setor terciário da cidade sem, contudo, superar a principal atividade tradicional representada pela feira, fenômeno sócio-cultural sustentado pela sociedade local e de outros municípios da região que a circunda, permanecendo como elemento histórico que funciona com vigor nos dias de hoje, quer pela oferta de mercadorias, quer pela quantidade de pessoas que afluem e circulam em Nova Cruz-RN.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Lenilton Francisco de; ARAÚJO, Francinelda Ferreira de. A centralidade do comércio na cidade pequena nordestina: o caso da feira livre de Varjota (Ceará/Brasil). **Scripta Nova**, Barcelona, v. 13, n. 294, jul. 2009.

AZEVEDO, Francisco Fransualdo de; QUEIROZ, Thiago Augusto Nogueira de. As feiras livres e suas (contra)racionalidades: periodização e tendências a partir de Natal - RN - Brasil. **Biblio 3w**, Barcelona, v. 18, n. 1009, jan. 2013.

AZEVEDO, Karla Izabela Brito Souza. **Entre a Anta e a Cruz: história e memória da cidade de Nova Cruz**. 2005. 150f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

DINIZ, Lincoln da Silva; CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. Faces atuais do espaço comercial em Campina Grande/PB: algumas considerações sobre a coexistência de formas modernas e tradicionais do comércio na “nova” dinâmica sócio-espacial. **Revista de Geografia**, Recife, v. 26, n. 2, maio/ago. 2009.

FREIRE, Ana Lucy Oliveira. **O comércio tradicional e as transformações na cidade**. 1999. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

GONCALVES, Francisco Edinardo. **Cidades pequenas, grandes problemas: perfil urbano do Agreste Potiguar**. 2005. 173f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

HARVEY, David. A compreensão do tempo – espaço e a condição pós-moderna. In: _____ . **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 02 mar. 2015.

NASCIMENTO, Gerson Gomes do. Setor terciário da economia e organização do espaço urbano: uma breve análise a luz de seus aspectos históricos e sociais. **Revista de Geografia**, Recife, v. 24, n. 3, p. 138-152, set./dez. 2007.

PINTAUDI, Sivana Maria. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (org.). **Novos caminhos da Geografia**. 5. ed. São Paulo: contexto, 2005.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SOBRE O ORGANIZADOR

Gustavo Henrique Cepolini Ferreira - Graduado em Geografia (Bacharelado e Licenciatura) pela PUC-Campinas, Mestre e Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorando em Geografia – USP. Atualmente é Professor do Departamento de Geociências e do Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo na Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), onde coordena o Núcleo de Estudos e Pesquisas Regionais e Agrários (NEPRA-UNIMONTES) e o Subprojeto de Geografia - "Cinema, comunicação e regionalização" no âmbito do PIBID/CAPES. Exerce também a função de Coordenador Didático do Curso de Bacharelado em Geografia - UNIMONTES. Tem experiência na área de Geografia Humana, atuando principalmente nos seguintes temas: Geografia Agrária, Regularização Fundiária, Amazônia, Ensino de Geografia, Educação do Campo e Conflitos Socioambientais e Territoriais. Participação como avaliador no Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD de Geografia e no Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (SINAES), vinculado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). É autor e organizador das seguintes obras: *No chão e na Educação: o MST e suas reformas* (2011), *Neoliberalismo, Agronegócio e a Luta Camponesa no Brasil* (2011), *Cenas & cenários geográficos e históricos no processo de ensino e aprendizagem* (2013), *Agroecologia, Alimentação e Saúde* (2014), *Gestão Ambiental* (2015), *Práticas de Ensino: Teoria e Prática em Ambientes Formais e Informais* (2016), *Geografia Agrária no Brasil: disputas, conflitos e alternativas territoriais* (2016), *Geografia Agrária em debate: das lutas históricas às práticas agroecológicas* (2017), *Atlas de Conflitos na Amazônia* (2017), *Serra da Canastra território em disputa: uma análise sobre a regularização fundiária do Parque e a expropriação camponesa* (2018), *Conflitos e Convergências da Geografia - Volumes 1 e 2* (2019), *Geografia Agrária* (2019), entre outras publicações. E-mail: gustavo.cepolini@unimontes.br

ÍNDICE REMISSIVO

B

Bancos 77, 78, 81, 83, 84, 85, 86, 87, 93

C

Campesinato 99, 106, 109

Cronotopo 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 70, 71, 73, 74

Currículo 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12

D

Direito à cidade 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 23

Direito à moradia digna 13, 14, 15, 22, 23

Discurso 60, 61, 64, 68, 69, 72, 73, 74

E

Ensino de geografia 1, 5, 8, 11, 12, 113

Esgoto 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 48

F

Favela 25, 26, 28, 30, 32, 33, 37

Feira 83, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

G

Geografia financeira 77, 78

Geografia regional 49, 50, 51, 52, 53, 56, 57, 58

H

História do pensamento geográfico 49, 50

I

Ideologia 11, 60, 74

L

Lagoa 38, 93

M

Microalgas 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45

Modernidade 25, 26, 33, 37, 58, 64, 89

N

Neoliberalismo 60, 61, 74, 113

Norte de Minas Gerais 99, 106, 107, 112

Nova Cruz 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98

P

Política 4, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 60, 61, 62, 64, 66, 70, 71, 73, 75, 76, 89, 95

Portugal 77, 78, 81, 82, 83, 84, 85, 86

Prática pedagógica 1, 3, 5, 6, 7, 8, 11, 12

Produção do espaço 19, 25, 26, 36, 37

Programa Minha Casa Minha Vida 13, 14, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24

R

Rapadura artesanal 99

Richard Hartshorne 49, 50, 51, 52, 57, 58

S

Saneamento 18, 38, 39, 40, 45, 46, 47

Serviços e equipamentos públicos 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23

T

Tradição 51, 88, 91, 92, 94, 97, 105

U

UASB 38, 39, 40, 42, 44, 45, 48

Urbanização 25, 30, 98

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-720-8



9 788572 477208